

A Guerra Híbrida no século XXI: o caso da Ucrânia em 2013/14

Roberto Mauro da Silva Fernandes¹

Resumo: O objetivo deste artigo é refletir sobre o cenário de Guerra Híbrida instalado na Ucrânia em 2013/2014, processo que culminou na deposição Viktor Yanukovytsch do cargo de presidente e teve participação direta do governo norte-americano. Trata-se de um debate sobre a guerra do século XXI.

Palavras-chaves: Guerra Híbrida; Ucrânia, “Revolução Colorida”.

The Hybrid War in the 21st century: the case of Ukraine in 2013/14

Abstract: The purpose of this article is to discuss the Hybrid War scenario installed in Ukraine in 2013/2014, the process culminated in the deposition of Viktor Yanukovytsch from the position of president and had direct participation of the US government. It is a debate about 21st century warfare.

Palavras-chaves: Hybrid War; Ukraine, “Color Revolution”.

La Guerra híbrida en el siglo XXI: el caso de Ucrania en 2013/14

Resumo: El propósito de este artículo es discutir el escenario de la Guerra Híbrida instalado en Ucrania en 2013/2014, proceso que culminó con la deposición de Viktor Yanukovytsch del cargo de presidente y contó con la participación directa del gobierno de los Estados Unidos. Es un debate sobre la guerra del siglo XXI.

Palavras-chaves: Guerra Híbrida; Ucrania, “Revolución de Color”.

Introdução

A Guerra Híbrida norte-americana² tem como estágio inicial a ativação de um golpe brando no Estado alvo, e o processo é conhecido como “revolução colorida” (KORYBKO, 2015). Esta se caracteriza por

1 Doutor em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados (2017), realizando doutorado sanduíche na Universidade de Buenos Aires (UBA), financiado pelo Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE), oferecido pela CAPES. Atualmente é professor visitante no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL/MG.

2 Neuenfeld (2021) afirma que Rússia também utiliza estratégias de Guerra Híbrida; os russos fazem uso de forte componente informacional e cibernético, utilizam-se da pressão diplomática e econômica e lançam mão de suas capacidades militares convencionais. No entanto, nesse debate, o escopo será demonstrar as técnicas e estratégias das armas geopolíticas da escola de Guerra Híbrida estadunidense.

N.E. Como exemplo do envolvimento russo em Guerras Híbridas, Kaplan (2013) cita a campanha midiática orquestrada pelos russos acompanhada da pressão econômica do país no sentido da derrubada do presidente quirguiz, Kurmanbek Bakiyev, em 2010, por ter permitido a instalação de uma base americana no país e acabar com a exclusividade russa. Ver KAPLAN, Robert D. *A vingança da geografia: a construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

mobilizações populares instrumentalizadas por uma série de atores (domésticos e externos); e por trás delas há uma rede internacional composta por ONGs e instituições filantrópicas e de ajuda humanitária ligadas a Washington, além disso há compras de fidelidade em partidos políticos e no sistema judiciário, utilização de propaganda e operações psicológicas combinadas com o uso das redes sociais, além de outras articulações que ocorrem nos bastidores; onde as manifestações de rua são apenas a “ponta do iceberg” (FERNANDES, 2022).

As “revoluções coloridas”, são ativadas por um “acontecimento”, não importa se verdadeiro ou falso, que trata-se do estopim (KORYBKO, 2015), algo que o agente interessado possa manipular e fomentar, como uma grande movimentação popular no sentido de realizar uma mudança de governo³.

Andrew Korybko explica que as adesões às manifestações ocorrem porque diferentes segmentos sociais previamente já estavam sendo preparadas por Operações Psicológicas, através das mídias sociais, da grande mídia (que na maioria das “revoluções coloridas” estão envolvidas no processo), de filmes, propagandas televisivas, músicas, aplicativos de comunicação como whatsapp e twitter (muito eficientes na propagação de fake news), etc. Assim, a demografia-alvo vai sendo sensibilizada acerca de determinados temas e quando o “acontecimento” é lançado, a população começa a aderir ao movimento “espontaneamente” e a “revolução colorida” é instalada. O objetivo dela é derrubar o governo e proporcionar a união de diferentes segmentos sociais; deste modo, são utilizadas técnicas de formação de enxames de manifestantes.

Nas manifestações da “revolução colorida” são comuns o emprego de três ferramentas, 1) enxames de manifestantes, movimento em rede que avançam ocupando espaços de forma estruturada e programada (ARQUILLA e RONFELDT; 2000; ENGDAHL, 2009); 2) métodos não violentos de Gene Sharp; as duas primeiras ferramentas são combinadas, e

³ O “acontecimento” pode ser a uma denúncia de fraude eleitoral, a prisão de um líder da oposição, veto ou aprovação de lei controversa, sanções governamentais, etc., um episódio que vai ser plantado ou explorado pelo agente externo.

3) tecnologias de informação, isto é, o uso do Google Maps, YouTube, Facebook e Twitter, aplicativos disponíveis em celulares modernos (ENGDAHL, 2009; KORYBKO, 2015; FERNANDES, 2022).

Caso a “revolução colorida” não consiga derrubar o governo alvo, o golpe rígido é colocado em prática, e o agente externo instala a segunda etapa da Guerra Híbrida, uma guerra não convencional, que possui três sub etapas, a) a “fase incipiente”, 2) a “guerra de guerrilha” e 3) a “guerra de movimento”. Na segunda fase da Guerra Híbrida é comum a ação de grupos terroristas e mercenários (KORYBKO, 2015).

Na fase incipiente, a estrutura clandestina de apoio ao golpe é montada, em especial a infraestrutura de informação e de operações militares psicológicas, esta fase se confunde com as manifestações da “revolução colorida”, em especial, para verificar como será a reação da população na introdução dos métodos violentos em meio as manifestações. Na “guerra de guerrilha”, um estado de caos é estruturado, se esta fase foi iniciada é porque os primeiros enfrentamentos de manifestantes com as forças de segurança permitiram a progressão para a naturalização das táticas paramilitares de guerrilha, terrorismo, sabotagem e *fake news*⁴, é o momento da insurreição. A “guerra de movimento” é a fase final, o processo de tomada do poder, de destituição do governo através da ofensiva militar; ela pode não acontecer, caso o sistema de governo (geralmente através do parlamento) promova a deposição do chefe do executivo, no entanto, caso seja operacionalizada e fracasse, pode ocorrer o retorno para a fase de “guerra de guerrilha” (KORYBKO, 2015).

A Guerra Híbrida norte-americana, portanto, trabalha com abordagens indiretas, o Pentágono passou a instrumentalizar tais processos para desestabilizar a periferia russa, sobretudo os países do “Balcãs euroasiático” (Zbigniew Brzezinski cunhou esse nome para apontar os países que estão entre a fronteira da Rússia com a China), assim, o objetivo dos Estados Unidos passou a ser financiar campanhas de sabotagem geopolíticas com a

4 Além de disseminar desinformação, são utilizadas para internacionalizar o processo, para recrutar simpatizantes (mercenários, grupos terroristas, etc.) e criar as narrativas para intervenção de forças convencionais.

aparência de movimentos em favor da democracia e/ou confrontos civis apoiados de fora (KORYBKO, 2015).

Desta maneira, o objetivo deste debate é versar sobre o cenário de Guerra Híbrida instalado na Ucrânia entre novembro de 2013 e fevereiro de 2014, episódio que ficou conhecido mundialmente como “Revolução da Dignidade” e consistiu na conjuntura que levou à deposição do presidente Viktor Ianukovytych. Este evento foi veiculado pela mídia internacional como um acontecimento no qual o “povo” descontente com um governo pró-russo iniciou uma onda de protestos e o retirou. Vamos demonstrar neste artigo que não foi bem assim, sobretudo diante da intervenção externa dos Estados Unidos no que foi chamada de “revolução colorida” que progrediu para uma guerra não convencional.

“Revolução” e Guerra: detalhes de uma invasão

Viktor Yanukovytych foi eleito no ano de 2010 presidente da Ucrânia, obteve no segundo turno 48,95% dos votos contra 45,47% de Yulia Tymoshenko. O desfecho das eleições foi conturbado, pois Tymoshenko não aceitou a derrota e alegou fraude eleitoral (G1, 2010), num discurso muito parecido ao das eleições de 2004 na qual o próprio Yanukovich também participou e “perdeu”.

No pleito de 2004, Viktor Yushchenko, o candidato pró-Estados Unidos, venceu o primeiro turno, no segundo turno, Yanukovich, candidato apoiado pelo presidente Leonid Kuchma, saiu vitorioso com uma margem de menos de 3%. No dia seguinte da votação a Organização para a Segurança e a Cooperação na Europa (OSCE) reportou que houvera fraude, este “acontecimento” levou a uma série de manifestações populares, que ficaram conhecidas como “revolução laranja”⁵ (ENGDHAL, 2009). Mediante a

5 De acordo com Fernandes (2022), as manifestações foram lideradas pelo movimento *Pora* (“É tempo”). Seus membros no final de 2004 administraram um orçamento de US\$ 1 milhão de dólares oriunda dos Estados Unidos para apoiar Yushchenko. O *Pora* foi treinado pela *Otpor* (“Resistência”), grupo criado na Sérvia e treinado por agentes estadunidenses para liderarem as manifestações de rua contra o governo de Milosevic no ano 2000; a *Otpor* articulou (e articula) dezenas de “revoluções coloridas” ao redor do mundo, inclusive as manifestações da chamada “Primavera Árabe”.

“pressão popular”, a Suprema Corte da Ucrânia decidiu anular as eleições e realizar um novo segundo turno, nas novas eleições saiu vencedor Yushchenko (ORTEGA, 2009).

Yulia Timoshenko foi uma das principais ganhadoras da “derrota” de Yanukovytsch em 2004, e uma das lideranças públicas da “revolução laranja”. O apoio a Viktor Yushchenko lhe rendeu o cargo de primeira-ministra (SPUTNIK, 2014; HARASYMIW, 2020). Aparentemente, o discurso de fraude na vitória de Yanukovich em 2010 tem um histórico, no entanto, nesta oportunidade a OSCE considerou o resultado legítimo⁶ (G1, 2010(b)).

O fato é que Viktor Yanukovytsch assumiu o governo de um país que na administração Yushchenko tentou se afastar da Rússia e buscou implementar uma política externa mais próxima da União Europeia, movimentos que causaram cismas políticos com os russos na questão da Crimeia e do gás e, sobretudo, com a aproximação da Ucrânia em relação a OTAN (ORTEGA, 2009). A principal herança da gestão anterior (além da dívida de bilhões de dólares com a Rússia) foi as negociações do “Acordo de Associação Ucrânia-União Europeia”. Yanukovich ao assumir deu continuidade as tratativas, e a assinatura do acordo ocorreria em novembro de 2013. Entretanto, o presidente resolveu não assinar o acordo e passou a fortalecer a cooperação com a Rússia⁷.

O “acontecimento” para deflagrar a “revolução colorida” estava posto; o presidente Yanukovich ao não assinar o “Acordo de Associação Ucrânia-União Europeia” propiciou a ocorrência de um conjunto de pressões internas e externas. Lideranças europeias repudiaram a decisão (SIMÃO, 2014), e a oposição interna – em especial a União de Toda a Ucrânia “Liberdade”, a Svoboda (partido de orientação neonazista) – iniciou campanhas que mobilizaram segmentos da população ucraniana a favor do acordo. Discursos pró-União Europeia e antigoverno foram disseminados na grande

⁶ Cerca de três mil observadores internacionais acompanharam as eleições de 2010 na Ucrânia.

⁷ Para maiores detalhes sobre os aspectos do acordo e os fatores que condicionaram o presidente Yanukovich a não assinar a oficializar a aproximação com a União Europeia, ver: Plekhanov (2015) e Gressel (2017).

mídia e redes sociais, e o movimento ainda contou com apoio maciço de ONGs norte-americanas (PLEKHANOV, 2015).

Assim, no final de novembro de 2013 foi instalada em solo ucraniano uma “revolução colorida” cujo grande símbolo foi a ocupação do Euromaidan (Praça da República em Kiev), esse movimento marcou a fase incipiente da revolução. A partir daí foram lançadas as táticas da fase de “guerra de guerrilha” através das ações terroristas do Pravy Sektor, grupo de extrema-direita que coordenou os protestos (em conjunto com a Svoboda e dos movimentos paramilitares) para derrubar o presidente Viktor Ianukovytsch.

Os protestos de 2013/14 na Ucrânia foram violentos desde o início, a “Revolução da Dignidade” – como ficou conhecida a fase inicial da Guerra Híbrida ucraniana – em poucos dias evoluiu de “manifestações populares” pacíficas para um cenário de insurgências com táticas coordenadas de guerrilha urbana em diferentes regiões da Ucrânia (CAMPOS *et al.*, 2018; KORYBKO, 2015).

O ministro do interior e chefe de polícia nacional Vitaliy Zakharchenko afirmou, com base em informações do serviço secreto ucraniano, que os protestos estavam sendo planejados para ocorrerem no ano de 2015, mas por conta da decisão do presidente em não assinar o acordo de associação com a União Europeia, a oposição liderada Arseniy Yatsenyuk (partido Terra-Pátria), Oleh Tiahnibok (Svoboda) e Vitali Klitschko (líder da Aliança Democrática Ucraniana para a Reforma - Udar) anteciparam para o ano de 2013 as articulações e deram início as ondas de manifestações contra o governo de Yanukovich (STONE, 2016). No final de novembro de 2013, milhares de manifestantes foram às ruas contra o governo, só em Kiev foram mais de 350 mil manifestantes (SIMÃO, 2014).

Inicialmente, os protestos foram pacíficos, mas nos dias 23 e 25 de novembro grupos de extrema-direita iniciaram ações coordenadas e violentas contra as forças de segurança, incluindo a invasão e tomada de prédios governamentais. No dia 30 de novembro um segundo “acontecimento” é posto em prática, trata-se do episódio que naturalizou os confrontos entre “manifestantes” e forças de segurança.

No dia 30 de novembro, membros do Pravy Sektor, muito bem treinados, se infiltraram no meio de grupos de manifestantes que se encontravam no Maidan e iniciaram um conjunto de provocações e agressões a polícia, que reagiu. No entanto, a imprensa não divulgou a parte que cabe ao grupo neonazista; foi veiculado que os policiais usaram da violência para dispersar os manifestantes para que a prefeitura de Kiev pudesse instalar uma árvore de Natal.

Vitaliy Zakharchenko aponta que o chefe de gabinete da prefeitura de Kiev, Sherhiy Lyovochkin, em conjunto com o líder opositor Arseniy Yatsenyuk, articularam o evento. Lyovochkin autorizou a instalação da árvore de Natal, mesmo depois de informado por Zakharchenko que não seria possível. A permissão foi dada porque a imprensa estava no Maidan, e a ação foi combinada com os membros do Pravy Sektor, que sob as ordens de Yatsenyuk se infiltraram entre os manifestantes pacíficos e iniciaram provocações aos policiais para que a reação das forças de segurança fossem registradas pela imprensa, num plano que parece ter dado certo (STONE, 2016).

O episódio do dia 30 de novembro apresenta um elemento importante das “revoluções coloridas”, a “vítima sagrada”. Esta técnica está associada ao *método da traição*; o pensamento é simples, os articuladores das manifestações precisam de um motivo para iniciar o enfrentamento mais incisivo, geralmente ocorre uma tragédia com um simpatizante ou membro do movimento (provocada pelos próprios agentes que implantaram a fase incipiente). No dia 30 de novembro, os manifestantes pacíficos transformaram-se nas primeiras “vítimas sagradas” da Guerra Híbrida ucraniana. Os membros do Pravy Sektor provocaram a polícia, mas quem de fato sofreu as retaliações foram sujeitos que não sabiam da articulação (STONE, 2016). Daí a importância das manifestações serem filmadas e lançadas nas redes sociais, somente assim é possível manipular as narrativas (FERNANDES, 2022).

É preciso entender que a técnica de mitificação da “vítima sagrada” é importante para manter a “revolução colorida” viva, garantindo a

manipulação sobre os simpatizantes em torno da causa. É difícil conduzir protestos meses a fio, as pessoas se cansam, as tensões diminuem, e as manifestações podem coincidir com feriados e invernos rigorosos, por isso os articuladores das “revoluções coloridas” criam uma infraestrutura com shows, eventos culturais e a ocupação de um lugar simbólico sempre tem um ar acolhedor (KORYBKO, 2015; STONE, 2016; FERNANDES, 2022). Assim, quando os ânimos arrefecem é preciso criar um discurso em torno de uma “vítima sagrada” para manter as manifestações ativas e progredir para as fases seguintes⁸

Desta forma, a população sensibilizada com o evento aderiu com mais força as manifestações, é preciso informar que os protestos estavam perdendo fôlego, o serviço secreto ucraniano já havia informado ao Ministro do Interior que a tendência era de arrefecimento dos atos contra o governo, logo, não havia motivos para uma reação violenta do Estado, no entanto, a articulação do dia 30 de novembro reascendeu os ânimos e as práticas dos grupos de extrema-direita passaram a ser legitimados (STONES, 2016).

A partir do dia 1º de dezembro os confrontos com a polícia tornaram-se comuns, o grupo neonazista Pravy Sektor passou a utilizar as primeiras táticas de terrorismo com seus membros arremessando coquetéis Molotov contra a polícia (KORYBKO, 2015). As incursões contra as sedes do governo e da polícia passam a se utilizar de vários métodos, desde uso de retroescavadeiras a armas caseiras individuais, além de armas de uso militar (STONE, 2016).

8 Na Revolução dos Cedros, no Líbano em 2005, a “vítima sagrada” foi Rafik Hariri, o político foi assassinado e as narrativas acerca de sua morte ampliaram as manifestações. O próprio Viktor Yushchenko em 2004 assumiu esse papel, depois que foi envenenado; a história veiculada foi de que os russos foram os responsáveis. Na Ucrânia, outra “vítima sagrada” foi Tetiana Chornovol; a ativista ficou conhecida por seus atos de “bravura” contra o governo de Yanukovich, aparecia nos noticiários liderando invasões contra prédios do governo ou tentando invadir a casa do presidente ou quebrando veículos da polícia; no Natal de 2013 foi brutalmente espancada por conta de uma briga de trânsito, mesmo depois da prisão dos agressores e de terem confessado os motivos, a mídia internacional e doméstica apoiadora da “revolução” na Ucrânia passou a associar o episódio aos protestos; Tetiana é o que Andrew Korybko denomina de “tenente”, um símbolo aglutinador, aquele/a que aparece em público (a liderança sempre fica nas “sombras”), ademais ela era do partido Terra-Pátria e a sua mitificação ajudou a motivar os simpatizantes a continuarem com os protestos durante o período de Natal.

No início de do mês de dezembro, a Praça Maidan foi tomada de fato e passou a ser o símbolo da pressão para Yanukovich retomar as negociações com a União Europeia. Cartazes pró-ocidente e bandeiras da União Europeia eram exibidas para a mídia internacional em meio as barricadas (STONE, 2016; GRESSEL, 2017; CAMPOS *et al.*, 2018). Assim, dez dias depois das manifestações originárias, foi instalada a fase incipiente da guerra não convencional na Ucrânia.

A partir do dia 17 de dezembro o “clima” das manifestações começou a ficar mais “quente” com o anúncio do presidente Putin sobre a Rússia comprar US\$ 15 bilhões da dívida pública ucraniana e reduzir o preço do gás (SIMÃO, 2014). Nesse momento, já estava instalada uma coalizão formada por grupos ultranacionalistas para combater as forças policiais e ocupar os espaços públicos em Kiev (CAMPOS *et al.*, 2018).

As mídias ocidentais retrataram o episódio do Euromaidan como uma autêntica manifestação popular “espontânea” contra um suposto regime opressor que lhes podava a vontade de fazer parte da Europa, no entanto, inúmeros testemunhos apontam que desde o início das manifestações da Praça do Maidan havia um núcleo duro preparado, com táticas bem definidas do ponto de vista político, com linhas nacionalistas mais radicais e grupos paramilitares de extrema-direita (PEREIRA, 2014). Segundo Korybko (2015), alguns dos membros da vanguarda do Euromaidan foram treinados na Polônia antes do início dos protestos, em especial, aqueles do Pravy Sektor.

No início de 2014 ocorreram os confrontos mais violentos e fatais⁹. Maidan virou uma praça de guerra, e quase cem pessoas morreram nos confrontos neste curto período (PLEKHANOV, 2015). No final do mês de

⁹ Neste contexto, outra “vítima sagrada” foi mitificada; na manhã do dia 22 de janeiro de 2014, um vídeo com imagens do corpo de Sergei Nigoyan passou a circular nas redes sociais, as causas de sua morte não foram esclarecidas, mas o discurso disseminado era de que a polícia o assassinara. Sergei havia se tornado um símbolo da luta no Maidan, sempre com ar de esperança e ingenuidade, seus vídeos eram repercutidos nas redes, mais uma “vítima sagrada” que era utilizada para reforçar o sentimento contra Yanukovich e dar motivações para a continuidade das manifestações e iniciar outra fase da guerra não convencional. Sergei Nigoyan tornou-se o primeiro mártir do Euromaidan, dentre os quais que ficaram conhecidos “os cem celestiais” (por conta do número de mortes nos confrontos do Maidan).

janeiro os manifestantes tentaram tomar prédios administrativos do governo da província de Lviv Oblast, assim era iniciada na Ucrânia a fase de “guerra de guerrilha”, cujo objetivo era controlar a parte ocidental do país; no mês de fevereiro uma série de atentados ocorreram na Ucrânia Ocidental, quando delegacias de polícia, prédios do governo, sedes do serviço de segurança e instalações das forças armadas foram atacadas em Lviv, Ternopil e Khmelnytsky (SIMÃO, 2014; KORYBKO, 2015).

No dia 19 de fevereiro o governo de Lviv declarou independência, dessa forma, uma província que faz fronteira com a Polônia estava sob controle dos “revolucionários”. A questão aqui está no fato da Polônia ser membro da OTAN, logo, aliada do Estado Unidos. Korybko (2015) explica que é de suma importância que um governo pró-ocidente seja fronteiro ao território que está sob ataque híbrido, pois este passa a servir de base logística de apoio aos “revolucionários”, deste modo, segundo o autor, a Polônia cumpriu esse papel na guerra híbrida ucraniana.

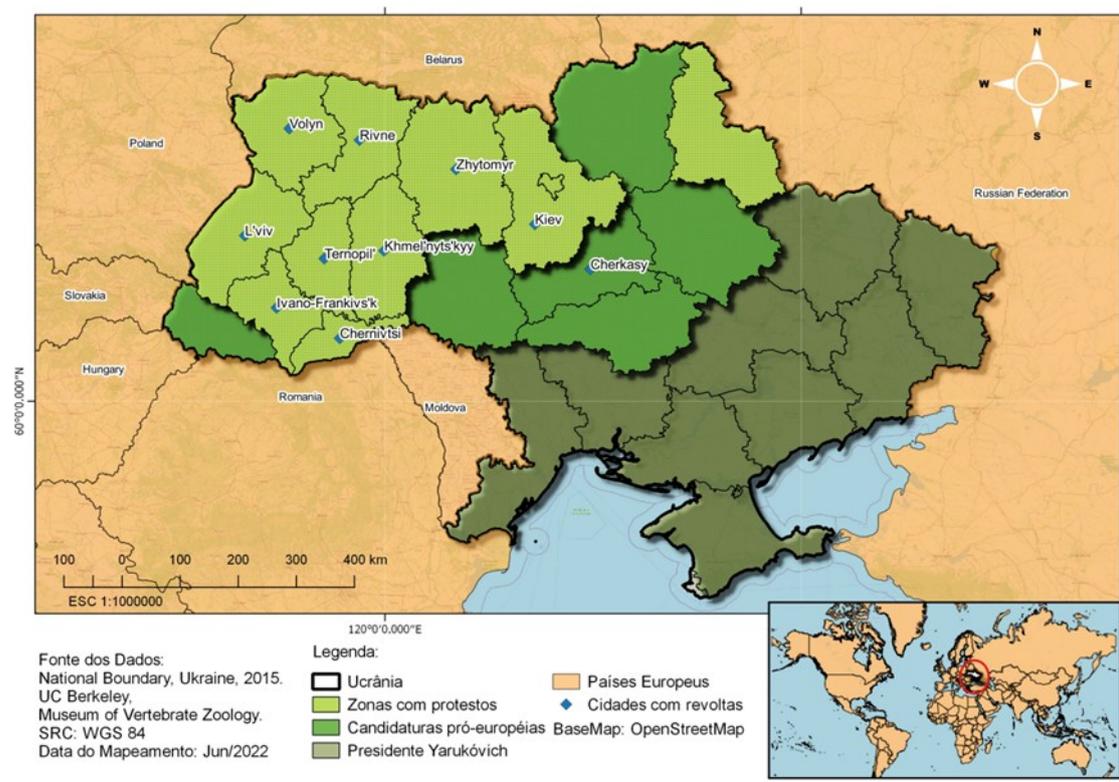
Assim, não foram apenas manifestações populares contra o governo ocorridas em Kiev em torno da praça Maidan, como a grande imprensa internacional veiculou. Os protestos foram seguidos de ações combinadas (de terrorismo e guerrilha) contra aparelhos de Estado nas principais cidades da Ucrânia Ocidental (Figura 1); os ataques e “atos políticos” ocorreram em regiões administrativas e cidades cujas candidaturas nas eleições foram pró-União Europeia (SIMÃO, 2014). Isto tudo seria uma grande “coincidência”?

Em Kiev, homens e mulheres coordenados pelos grupos de extrema-direita e treinados em táticas de desestabilização urbana enfrentaram as forças de segurança e vice-versa.

Um dos episódios mais controversos desses confrontos está relacionado as mortes de manifestantes por meio de tiros disparados por *snipers*, vários setores da imprensa divulgaram que os disparos foram efetuados pela polícia, no entanto, veio a público uma conversa entre Urmaz Paet – Ministro dos Negócios Estrangeiros estónio – e Catherine Ashton, Alta Representante de Negócios Estrangeiros da União Europeia, na qual o primeiro informa suspeita de que os disparos realizados tenham vindo de

snipers do “núcleo duro” dos manifestantes e não da polícia, além disso, a investigação da ARD alemã apontou que disparos foram realizados de andares do hotel UKraina que estavam ocupados pelos manifestantes e que os projeteis encontrados nos corpos de policiais e protestantes coincidiam (PEREIRA, 2014).

Figura 1 – Regiões administrativas atacadas na Ucrânia – 2013/2014



Fonte: adaptado de Simão (2014).

Ademais, o ministro do Interior e chefe de polícia nacional da Ucrânia relatou que no dia 20 de fevereiro foram os manifestantes que iniciaram os confrontos, abatendo policiais com disparos de franco atiradores, e os primeiros tiros teriam vindo do prédio do conservatório que estava sob controle dos manifestantes. Horas depois, Andriy Paruby, autoproclamado líder do Maidan, vinha a público para dizer que os tiros foram disparados porque as exigências dos “revolucionários” não foram cumpridas. Além disso, existem registros dos “manifestantes” conduzindo policiais

capturados, sessenta e sete policiais foram considerados desaparecidos (as suspeitas eram de que haviam sido executados). Das quase cem pessoas que faleceram no dia 20/02, vinte são policiais (STONE, 2016).

Diante da escalada de violência no país, representantes dos governos da Alemanha, França, Polônia e Rússia iniciaram negociações com ambos os lados; as conversas culminaram em um acordo no dia 21 de fevereiro de 2014, ficando decidido que haveria a formação de um governo de unidade nacional, a antecipação de eleições para maio de 2014, a criação de uma comissão para apurar crimes realizados nos confrontos, além do imediato cessar fogo (SIMÃO, 2014; PLEKHANOV, 2015).

Entretanto, as decisões não foram respeitadas pelos manifestantes, em especial pelos grupos armados neonazistas; horas depois da assinatura do acordo, Dmytro Yarosh, liderança do Pravy Sector, foi a público dizer que seu grupo não abaixaria as armas, nem retiraria as barricadas dos prédios governamentais, pois não havia sido atendido a principal demanda dos revoltosos, a renúncia do presidente Yanukovitch (STONE, 2016). Yarosh reproduzia (em outro tom) o que Vitali Klitschko¹⁰ (do Udar) havia dito horas antes da reunião entre o presidente ucraniano e os representantes de Estado, o líder da oposição no parlamento discursou no Maidan defendendo a permanência dos manifestantes na praça independentemente do resultado do acordo (STONE, 2016). Assim, ocorreram novas ocupações nos prédios do governo e a manutenção do clima de insegurança, os “revolucionários” queriam a cassação do presidente, bem como a sua morte (CAMPOS *et. al.*, 2018). Ficava óbvio o movimento golpista articulado entre parlamentares e os grupos manifestantes de extrema-direita.

No dia 22 de fevereiro de 2014, o presidente viajou para o leste do país, em Kharkov, a segunda maior cidade da Ucrânia. Assim que se ausentou, sua residência e o palácio do governo foram ocupados por grupos armados; o presidente da Ucrânia relata que saiu de Kiev sem avisar a ninguém e foi a Kharkov de helicóptero, no entanto, a escolta foi com o

10 Klitschko era o nome preferido da primeira-ministra Angela Merkel e do Partido Popular Europeu para se tornar prefeito de Kiev; a Alemanha, como é sabido, é a principal interessada no território ucraniano por ser passagem para o fornecimento do gás russo.

comboio presidencial e enquanto os veículos presidenciais passavam foram alvejados por tiros. Yanukovitch ainda destaca que o serviço de inteligência o informou que mercenários foram contratados para assassiná-lo; desta forma, pediu asilo ao presidente Putin e no dia 24 de fevereiro chegou a Rússia (STONE, 2016)

No dia 23 fevereiro o parlamento deu poderes presidenciais a Oleksandr Turchynov, que formou governo interino e depôs o presidente da Ucrânia; no dia 24 de fevereiro, o novo governo emitiu um mandato de captura ao presidente Yanukovitch (SIMÃO, 2014), acusado de abuso de poder e violação aos direitos humanos. O parlamento deu desfecho ao golpe com um processo de *impeachment* inconstitucional, os procedimentos não foram seguidos; para afastar o presidente, as cortes Suprema e Constitucional tinham que participar do processo e pelo menos $\frac{3}{4}$ do parlamento precisava ter votado a favor, o que significava trezentos e oitenta e oito (388) dos quatrocentos e cinquenta (450) deputados, mas somente trezentos e vinte e oito votaram (STONE, 2016). Desta forma, na Ucrânia não foi necessário a fase da “guerra de movimento” para mudar o regime, o parlamento concluiu o golpe, fechando a etapa da “guerra de Guerrilha”.

Ao invés de apoiar o cumprimento o acordo assinado em 21 de fevereiro ou tentar reempossar um presidente eleito de forma legítima, imediatamente, o Departamento de Estado dos EUA reconheceu o governo interino e deu legitimidade ao processo irregular de *impeachment* (BRASIL DE FATO, 2022). Ademais, em março de 2014, o governo estadunidense anunciou um pacote de ajuda econômica e técnica para a Ucrânia (G1, 2014). Ficava óbvio que a mudança de regime era de interesse dos Estados Unidos.

Outros episódios indicam que o Guerra Híbrida ucraniana teve participação direta e indireta do governo americano. Vitaliy Zakharchenko afirma que ONGs financiadas por empresários estadunidenses e pela embaixada norte-americana participaram do processo, casos da Hromadske TV e da Fundação Renaissance (fundada por George Soros). Quando perguntado sobre a relação entre a “revolução” na Ucrânia em 2014 e a

Fundação Renaissance, o próprio Soros respondeu: “Eu montei uma fundação da Ucrânia antes dela se tornar independente da Rússia. A fundação tem funcionado desde então e cumpriu um papel importante nos eventos recentes”. Além do mais, afirma o presidente Yanukovitch, que o embaixador norte-americano Geoffrey Pyatt recebia visitas dos representantes do Maidan a todo momento; o serviço secreto ucraniano soube da movimentação e passou a monitorar, averiguando que a sede encarregada de comandar todo o processo operava de dentro da embaixada norte-americana (STONE, 2016).

Senadores americanos também discursaram no Euromaidan, ao lado de lideranças de extrema-direita, como Oleh Tiahnibok, líder do Svoboda, apoiando publicamente os protestos e as investidas contra o governo e defendendo a adesão da Ucrânia à UE (e conseqüentemente à OTAN); entre os quais Cris Murphy, senador por Connecticut, bem como o senador John McCain (PEREIRA, 2014; STONE, 2016).

Portanto, oficiais de alto escalão do governo norte-americano incitaram a massa contra um governo democraticamente eleito; o fato do presidente não assinar o acordo de associação com a Europa, assim como o fato de parte da população não concordar com o presidente, não justificava a ação de agentes de outro Estado incitando a violência por conta de uma decisão soberana do chefe do poder executivo ucraniano. Se por um lado a decisão de Yanukovitch pendia para uma política pró-russa, o apoio público de senadores americanos à falsa “revolução” é mais uma prova de que havia interesse direto do governo americano nos distúrbios, bem como passaram mensagem aos articuladores do Maidan de que qualquer articulação teria o apoio do país mais poderoso do mundo, independentemente do certo ou errado. Como apontou Yanukovitch: “Um embaixador ucraniano pode ir aos protestos em Ferguson¹¹ e distribuir donuts e acusar os policiais? Eu acredito que isso é inaceitável em qualquer país Europeu. Por que a Ucrânia foi tratada assim?” (STONE, 2016).

11 Alusão a cidade de Ferguson, no Missouri, que no ano de 2014 vivenciou uma onda de protestos por conta do assassinato, por parte de policiais, de Michael Brown, um jovem negro de 18 anos.

Mas, a prova cabal do envolvimento e interesse dos Estados Unidos no processo ocorreu em fevereiro de 2014, no momento em que os protestos eram intensificados e se tornavam mais violentos. Veio a público uma conversa por telefone interceptada entre a vice-secretária de Estado para Assuntos Europeus Victoria Nuland e Geoffrey Pyatt, embaixador norte americano na Ucrânia, ambos discutiam sobre o nome que seria escolhido para liderar o governo. Nuland dizia que o preferido do governo estadunidense era Arseny Tyahnybok; e inclusive o vice-presidente John Biden estava de acordo que era preferível Tyahnybok a Vitali Klitschko (nome da União Europeia e, especialmente, da Alemanha). A vice-secretária orientou o embaixador a articular rapidamente a coligação pró-Estados Unidos antes da ação de Moscou; além disso, desdenhou sem cerimônias dos esforços europeus para diminuir as tensões. É desta conversa que vem a público a famosa frase de Nuland: “dane-se a UE” (PEREIRA, 2014; DIDDLEY SQUAT, 2014; STONE, 2016). O governo pós-golpe justamente teve como primeiro-ministro Arseni Iatseniuk, e mais uma intromissão norte-americana havia se concretizado.

Considerações finais

Em solo ucraniano a Guerra Híbrida promovida pelos Estados Unidos foi iniciada com uma “revolução colorida”, o grande símbolo desse golpe brando foi a ocupação do Euromaidan. Esse movimento marcou a fase incipiente da ocupação, que avançou para as táticas da fase de “guerra de guerrilha” através das ações terroristas do Pravy Sektor em conjunto com outros grupos de extrema direita. Na Ucrânia de 2013/14, a guerra não convencional não atingiu a fase de “guerra de movimento” e o desfecho para a mudança de regime aconteceu com a colaboração do parlamento, que promoveu o *impeachment* do presidente. Nesse sentido, na Ucrânia houve uma guerra não convencional de baixa intensidade, pois o desfecho não ocorreu com uma ofensiva militar, com o eixo civil finalizando a guerra.

Na Guerra Híbrida ucraniana de 2013/14 foi possível observar táticas que subverteram a fronteira entre o âmbito civil e militar, houve a produção e execução de movimento tipicamente civil, como os protestos populares e a instrumentalização de atores não vinculados necessariamente ao Estado (como ONGs e Fundações); por outro lado, a ação militar foi oriunda de grupos terroristas e paramilitares. Foi ainda de suma importância a propaganda de informação (através da grande mídia e mídias alternativas) e a articulação de parlamentares ucranianos com os agentes do governo dos Estados Unidos.

A Guerra Híbrida na Ucrânia desencadeou uma série de movimentos de resistência no sul e leste do país, movimentos pró-Janukovich passaram a defender a emancipação da Crimeia, e houve a destituição do governador da província, bem como a realização de um referendo no qual a população da Crimeia decidiu se separar da Ucrânia e ingressar na Federação Russa. Além do mais, foi em decorrência dos acontecimentos de 2013/14 que separatistas pró-russos passaram a atuar nas regiões de Donetsk e Luhansk, vindo mais tarde a declarar esses territórios independentes da Ucrânia.

Logo, a intervenção russa na Ucrânia em 2022 está diretamente relacionada aos eventos ocorridos entre novembro de 2013 e 2014 na Ucrânia e aparentemente é uma contraofensiva a interferência norte-americana.

Referências

ARQUILLA, J.; RONFELDT, D. F. *Swarming and the Future of Conflict*. Santa Monica, CA: RAND, 2000.

BRASIL DE FATO. Qual a responsabilidade dos EUA e da Otan pela Guerra na Ucrânia?, 2022. Disponível e:< <https://www.brasildefato.com.br/2022/05/04/qual-a-responsabilidade-dos-eua-e-da-otan-pela-guerra-na-ucrania>>. Acesso 29 jul. 2022.

CAMPOS, *et al.* O ocidente como responsável pelas crises da Ucrânia e da Geórgia. *Rev. Bras. Est. Def.* v. 5, nº 2, jul./dez. 2018, p. 113-136.

DIDDLEY SQUAT. Nuland-Pyatt leaked phone conversation _COMPLETE with SUBTITLES, 2014. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=WV9J6sxCs5k>>. Acesso 19 jul. 2022.

ENGDAHL, F. W. Full Spectrum Dominance: Totalitarian Democracy. In *The New World Order*. Edition Engdahl Wiesbaden, 2009.

FERNANDES. O título do trabalho foi omitido para não comprometer a avaliação às cegas, 2022.

GRESSEL, G. *Keeping up Appearances: how Europe is Supporting Ukraine's Transformation*. Londres: European Council on Foreign Relations, 2017. Disponível em:<<http://www.ecfr.eu/publications/summary/16616>>. Acesso 19 jul. 2022.

G1. Vencedor nas urnas, Yanukovich pede que a premiê da Ucrânia renuncie, 2010. Disponível em:< <https://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1484505-5602,00-VENCEDOR+NAS+URNAS+YANUKOVICH+PEDE+QUE+A+PREMIE+DA+UCRANIA+RENUNCIE.html>>. Acesso 22 jul. 2022.

G1. Derrotada, premiê contesta resultado de eleições na Ucrânia, 2010(b). Disponível em:< <https://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,MUL1482779-5602,00.html>>. Acesso 22 jul. 2022.

G1. Secretário de Estado dos EUA chega a Kiev para oferecer ajuda econômica e técnica, 2014. <https://oglobo.globo.com/mundo/secretario-de-estado-dos-eua-chega-kiev-para-oferecer-ajuda-economica-tecnica-11781793>>. Acesso 22 jul. 2022.

HARASYMIW, B. *Batkivshchyna party* [festa Batkivshchyna], 2020. Disponível em:<<http://www.encyclopediaofukraine.com/display.asp?linkpath=pages%5CB%5CA%5CBatkivshchynaparty.htm>>. Acesso 21 jul. 2022.

NEUENFELD, M. E. *Estratégia Nacional e Poder Cibernético: o ressurgimento da Rússia no cenário internacional (Trabalho de Conclusão de Curso)*. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, 2021.

PEREIRA, C. *Ucrânia: Crônica de Uma Crise Anunciada*. *Revista de Ciências Militares*, II (2), 2014, pp. 337-359.

PLEKHANOV, S. *Assisted Suicide: Internal and External Causes of the Ukrainian Crisis*. In: Black, Joseph; and Michael Johns. *The Return of the Cold War: Ukraine, the West and Russia*. Nova York: Routledge, 2015.

SHARP, G. *Da ditadura à Democracia. Uma Estrutura Conceitual para a Libertação*. East Boston: The Albert Einstein Institution, 2010.

SHARP, G. *There Are Realistic Alternatives*. Boston: Albert Einstein Institution, 2010.

SIMÃO, L. *Ucrânia: entre jogos geopolíticos e a força das ideias*. Repositório Institucional da Universidade Autónoma de Lisboa, 2014. Disponível em:<

https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/2856/1/1.22_LiciniaSimao_Ucrania.pdf>. Acesso 20 jul. 2022.

STONE. Ucrânia em chamas, 2016. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=7RKt94LhReY&t=3108s>>. Acesso 22 jul. 2022.

SUSSMAN, G.; KRADER, S. Template Revolutions: Marketing U.S. Regime Change in Eastern Europe. *Westminster Papers in Communication and Culture*, 5 (3), 2008, pp. 91–112.

SPUTNIK. Batkivshchyna Party of Ukraine: Facts and Details, 2014. Disponível em: <<https://sputniknews.com/20141024/Batkivshchyna-Party-of-Ukraine-Facts-and-Details-194558011.html>>. Acesso 21 jul. 2022.

ORTEGA, F. A. *As Revoluções Coloridas e seus reflexos em política externa*. (Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais). PPG-RI San Tiago Dantas, São Paulo, SP, 2009.

KORYBKO, A. (2015). *Guerras híbridas, das revoluções coloridas aos golpes*. Editora Expressão Popular, 2015.